Proletários de todos os países, uni-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

NOVEMBRO DE 1935

Há 37 anos ocorreu no Brasil a primeira insurreição popular dirigida pelo proletariado. De 23 a 26 de novembro de 1935, instalou-se em Natal um governo popular revolucionário que iniciou a aplicação das medidas preconizadas no Programa de frente única da Aliança Nacional Libertadora. Simultaneamente, em Recife, parte da guarnição militar e forças operárias e populares tentaram apoderar-se da cidade. Na madrugada de 27, no Rio de Janeiro, então capital da República, o 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha, um setor da Escola de Aviação Militar, e outros pequenos grupos de militares se sublevaram em apoio à rebelião desencadeada no Nordeste. Esses levantamentos foram cruelmente debelados pelas tropas do governo. Após a derrota, o país viu-se submetido à feroz campanha repressiva. Dois anos depois, os reacionários e fascistas, apoiados nas Forças Armadas e na Ação Integralista, instauraram o Estado Novo.

O movimento armado de novembro adquiriu, porém, relevo histórico. Constitui-se no marco imperecível da presença da classe operária e de seu partido, o Partido Comunista do Brasil, na cena política com fisionomia revolucionária e bandeira própria. Mostrou a importância da unidade das forças patrióticas e democráticas na luta contra o avanço do fascismo e a espoliação imperialista. Ofereceu, também, preciosas experiências que jamais devem ser esquecidas.

A reação relembra anualmente o fato para extravasar seu ódio contra os antifascistas que se bateram pelos interesses do povo, especialmente para vomitar calúnias contra os comunistas. De seu lado, as correntes nacionais e democráticas recordam a insurreição de 1935 para festejar a primeira tentativa feita no país com o objetivo de levar o povo ao Poder na base de uma plataforma ampla, de cunho antiimperialista e antilatifundiário, em favor das liberdades democráticas, contra o fascismo e pelo bem-estar das massas.

Na atualidade, quando nosso povo vive sob uma ditadura militar fascista, num regime ainda mais tirânico e terrorista que o do Estado Novo, as lições de 1935 crescem de importância e devem ser avivadas. Sobretudo no que tange ao problema da luta armada. Se naquele momento, a luta armada se impôs como a via necessária para enfrentar a política antipopular e de estímulo ao fascismo dos governantes, hoje, ela se tornou ainda mais imperativa. É claro que não pelo método dos levantes de quartel, mas pelo caminho da guerra popular, conforme vêm preconizando os comunistas que se conservam fiéis aos ideais da revolução agrária e antiimperialista de 1935 e honram a memória de todos os que tombaram naquelas jornadas gloriosas por um Brasil livre da reação e independente.

Neste Número:

Nº 70 Novembro de 1972 ANO IX

UM CONGRESSO DE JOVENS DE VANGUARDA

Em fins de outubro último, realizou-se em Tirana o V Congresso da Juventude do Trabalho da Albânia. Estiveram nele representados os jovens operários das modernas indústrias e minas do país, os camponeses cooperativistas que cultivam a terra por métodos cada dia mais avançados, os estudantes e os intelectuais trabalhadores que esperam servir ou já servem, sem privilégios, à coletividade. Moças e rapazes comunistas estiveram reunidos para debater com seriedade o resultado de suas atividades desde o IV Congresso, e x a minar os acertos e as falhas de seu trabalho, tirando dele a indispensável experiência, e, finalmente, traçar as novas tarefas de edificação do socialismo, sob a orientação do seu glorioso guia - o Partido do Trabalho da Albânia. Ao Congresso compareceram delegações dos jovens comunistas chineses, dos heróicos combatentes da Indochina, dos bravos guerrilheiros palestinos, dos movimentos revolucionários dos povos em luta por sua liberdade e independência - inclusive do Brasil -, assim como de várias organizações juvenis e proletárias de outros países.

Foi um acontecimento marcante de unidade e fraternidade revolucionárias. Representou o admirável espetáculo da ação criadora dos jovens que, vivendo sob um regime social sem exploradores e opressores, se reunem para debater, livremente, os nobres objetivos da felicidade dos homens. Deu a verdadeira imagem da Albânia Socialista, de seu radioso futuro.

Revestiu-se de grande significação a magna assembléia dos jovens albaneses. A Albânia projeta-se sempre mais no concerto mundial das nações. Tornou-se um país estimado e respeitado, quer por suas conquistas econômicas, políticas e sociais, quer por sua conduta coerente, marxista-leninista, em face de todas as questões da atualidade. Seu povo, conduzido pelo Partido do Trabalho, está solidamente unido e alcançou um elevado nível cultural e político. Vem acometendo tarefas tão grandiosas como as consubstanciadas no V Plano Quinquenal a fim de ultimar a construção da sociedade socialista. Seguindo a linha da revolucionarização ininterrupta em todas as esferas da atividade social, o Partido e o Governo dão ênfase à reforma da escola e à aplicação no ensino da orientação marxista-leninista que combina o estudo com o trabalho e com a preparação física e militar. Procuram elevar a vigilância revolucionária das grandes massas em face do perigo do revisionismo e da ameaça sempre presente da agressão imperialista.

O papel da juventude na execução dessas transformações e na defesa do país é fundamental. Ela constitui a grande reserva da Pátria socialista e do Partido do Trabalho, simboliza suas esperanças, foi sempre a filha dileta do povo e do Partido os quais cuidam de sua educação com apurado desvelo. O camarada Enver Hodja, notadamente, lhe dedica o máximo de atenção. Na juventude albanesa são cultivadas as heróicas tradições de luta do período da guerra de libertação, bem como a fidelidade ilimitada à causa do povo, da revolução, do internacionalismo proletário. Por isso, os jovens albaneses possuem hoje um alto nível ideológico e político. Estão libertos dos preconceitos religiosos e procuram vencer todos os vestigios malsãos da velha sociedade. Sua participação entusiástica nas obras de implantação das ferrovias e em outras frentes de edificação socialista e sua luta decidida para fortalecer a ditadura do proletariado são exemplos brilhantes de que estão aptos a cumprir quaisquer missões revolucionárias.

Compreendendo sua responsabilidade, o V Congresso da Juventude do Trabalho da Albânia resolveu mobilizar e unir mais ainda as forças juvenis para tornar mais poderosa e consciente a sua participação no cumprimento de seus deveres socialistas e internacionalistas.

Os comunistas do Brasil, em particular a juventude, ligados por sólida e fraterna amizade aos seus camaradas da Albânia, saudam com alegria o V Congresso da Juventude do Trabalho e compartilham jubilosos de seus êxitos. Estão certos de que novas vitórias coroarão as lutas da mocidade albanesa e de seu maravilhoso povo. As forças populares brasileiras continuarão a se inspirar nessas lutas para prosseguir na tarefa em que se empenham contra a ditadura militar fascista e o imperialismo norte-americano. Na resistência que empreendem, muitos e muitos jovens patriotas vêm dando magníficas provas de abnegação, derramando seu sangue e entregando suas vidas em holocausto à causa da liberdade e da independência da Pátria.

A DITADURA SERÁ VARRIDA

A nação tomou conhecimento, por meios não oficiais, de uma nova e vasta campanha militar da ditadura no norte do país. Milhares de soldados, sob o comando de dois generais, foram enviados à região que se estende de Xambioá a Marabá. Por sua vez, o II Exército realiza deslocamento de tropa em Mato Grosso que vai até o povoado de Santa Terezinha, quase nos limites do Estado do Pará. Toda essa aparatosa mobilização é dirigida contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia. Decorrido mês e meio do início da campanha, o Exército nada revelou dos seus objetivos e resultados, a não ser a morte de alguns militares.

Em sua primeira arremetida, a ditadura julgou que bastaria assustar os moradores daquela região com uma ostentação de força e cometer inúmeras violências para liquidar a resistência armada. Enganou-se, porém. Os habitantes da margem esquerda do Araguaia e de outras zonas responderam à agressão com firmeza e espírito de luta. Agora, os militares voltam ao ataque e adotam novas práticas. Tentam fazer o cerco estratégico da área rebelada. Ocupam povoados, caminhos e alguns pontos descobertos e procuram, inclusive, fazer investidas nas matas, utilizando os chamados batalhões de infantaria da selva. Seu plano denota pressa e fraqueza.

O tempo trabalha contra a ditadura. É grande o temor dos governantes de que, com o passar dos dias, a chama acesa na selva paraense se propague e se transforme num grande incêndio. Receiam que massas cada vez mais amplas sigam o exemplo dos que empunharam as armas. Sabem que o descontentamento se alastra por toda a parte como perigoso combustível, pois milhões de brasileiros não se conformam com o regime fascista imposto à nação por um punhado de generais nem se deixam enganar pelas farsas eleitorais ou pelos ilusórios resultados de um pretenso desenvolvimento econômico. O movimento armado estimula a luta contra a ditadura em todos os terrenos, desperta o entusiasmo e descortina novos horizontes.

Em toda a região circunvizinha à área onde se desenvolve a resistência armada, dezenas de milhares de pessoas vão compreendendo a grande importância dessa luta. Depois do seu aparecimento, algumas coisas mudaram. O governo, que nunca se preocupou com a sorte da população, trata de aparentar interesse pela vida do povo. Os posseiros de Santa Terezinha, que haviam sido expulsos de seus lugares, tiveram autorização de voltar e o INCRA anunciou que cada família receberia 100 hectares de terra para cultivar. Também em São Domingos do Capim houve um ajustamento provisório com os posseiros em luta. O Exército instalou, em alguns centros, postos de assistência médica e dentária. Um ônibus-hospital foi enviado à Transamazônica para atender moradores doentes. Os prefeitos de vários municípios receberam verbas para realizar empreendimentos há muito reclamados. Tudo isto é fruto da luta armada, são os primeiros resultados da resistência popular. E são muitos já os que têm noção desse fato. Ainda há pouco, um vereador de Araguaína citado numa reportagem do "O Estado de São Paulo" dizia, referindo-se ao atendimento de algumas reivindicações da zona: "Deus que me perdoe, mas a presença de guerrilheiros por aqui foi uma bênção".

Os militares, atendendo certas aspirações locais, o fazem tão-somente com medo de que a luta armada ganhe mais adeptos. Não têm em vista resolver qualquer dos angustiantes problemas do interior. Querem neutralizar, momentaneamente, o apoio das massas aos guerrilheiros. Ao mesmo tempo, intensificam sua política de violências contra as forças populares, inclusive a Igreja, e de repressão a todas as manifestações de inconformismo com a atual situação, da qual não escapam nem mesmo certos círculos que ainda ontem aplaudiam incondicionalmente o governo. A censura à imprensa e a perseguição aos patriotas e democratas recrudesceu brutalmente.

A grande mobilização militar ora em curso no Araguaia é testemunho não de força mas de fraqueza da ditadura. Os generais estão apavorados com a resistência armada. Sete meses são passados e suas tropas tão numerosas e bem apetrechadas não conseguiram esmagar os que lutam contra a tirania e pelos direitos do povo. Por isso deslocam boa parte dos efetivos das três Armas para aquelas longínquas paragens na esperança de liquidar o movimento guerrilheiro e manter o regime ditatorial.

Nada, porém, os salvará da derrota. A experiência vivida nesses meses de luta armada mostra ao povo que ele pode se levantar, enfrentar e bater os arrogantes generais fascistas. Se se desdobram, por vários pontos do país, ações como as que surgiram no Pará, a ditadura será varrida, o povo brasileiro conquistará grandes e magníficas vitórias.

FORA OS IANQUES DA INDOCHINA

A República Democrática do Vietname anunciou que havia chegado a um acordo com os Estados Unidos tendo em vista a paz na Indochina. Este fato repercutiu intensamente em todo o mundo. Concertando o acordo, os norte-vietnamitas proclamaram uma vez mais sua intenção de levar à prática os objetivos que perseguem na luta sangrenta contra os agressores estadunidenses: defender o norte, libertar o sul e reunificar a pátria.

Há uma dezena de anos, os Estados Unidos fazem uma guerra selvagem ao povo vietnamita. No curso desta guerra, mais de 600 mil soldados norte-americanos entraram em combate contra os heróicos guerrilheiros da Frente de Libertação. Milhares e milhares de aviões e helicópteros, assim como uma poderosa frota atuaram ininterruptamente tentando liquidar a resistência patriótica naqueles país asiático. As armas mais mortíferas, a guerra química e bacteriológica foram empregadas amplamente. Não tem paralelo na história o furioso bombardeamento de cidades, vilas e aldeias densamente povoadas, realizado no Vietname pelas forças ianques. O Pentágono recorreu a diferentes táticas militares, executou massacres espantosos como o de My Lai, treinou e armou exércitos títeres. Em desespero de causa, o governo arquicriminoso de Nixon decidiu bloquear os portos e proceder ao arrasamento sistemático da República Democrática do Vietname.

Não houve força capaz de dobrar o glorioso e valente povo vietnamita, que luta por uma causa justa e está decidido a conquistar a vitória. O agressor vem pagando caro a sua arrogância guerreira. Perdeu mais de 4 mil aviões. Suas baixas, em mortos, feridos e prisioneiros, elevaram-se a centenas de milhar. O chão ardeu todo o tempo sob a bota de seus soldados. Também o exército fantoche criado pelos norte-americanos registrou perdas consideráveis e fracassou redondamente em seus objetivos. Os Estados Unidos, a maior potência do mundo capitalista, sofreu grave derrota no Vietname. Não vingaram as manobras de Nixon e as pressões soviéticas destinadas a quebrar a resistência dos povos indochineses.

Por isso, os imperialistas ianques são forçados a negociar a paz. O acordo que se anuncia é resultado da persistência revolucionária das massas populares. Todavia, entre a letra do acordo e sua efetivação há um longo caminho a percorrer. A paz na Indochina e a concretização dos anseios de seus povos demandam ainda muita luta, luta política, diplomática, econômica e também militar. A palavra de Nixon vale muito pouco. O gangster da Casa Branca continua manobrando. Puxa os cordéis de suas marionetas de Saigon, Phnom Pen e Vientiane na esperança de adiar por mais tempo a solução do conflito no Sudeste Asiático e tentar conseguir vantagens de última hora. Mas toda gente sabe que os Van Thieu são homens de palha dos Estados Unidos. Nada representam. Sustentam-se no Poder com os dólares e as armas de seus patrões norte-americanos. Nixon tudo fará ajudado pelos revisionistas de Moscou, para conservar posições na Indochina. Os povos dessa região do Pacífico, certamente, manterão constante vigilância ante os subterfúgios do imperialismo e conservarão, no encaminhamento da paz, o mesmo espírito de firmeza e independência que manifestaram nos duros anos da guerra.

Os êxitos alcançados no Vietname vêm demonstrar que o caminho da libertação é o da luta enérgica contra os opressores. Só vence quem se dispõe a seguir pela senda revolucionária, quem não se deixa levar pela cantilena reformista ou pela choraminga dos pusilânimes que consideram impossível enfrentar inimigos poderosos. A luta acarreta sacrifícios. Mas os sacrifícios para conseguir a vitória são sempre menores que os produzidos pela prolongada existência de regimes reacionários e pró-imperialistas.

O povo brasileiros, que considera o imperialismo norte-americano o principal inimigo da Humanidade, junta sua voz à de todos os povos do mundo, protestando contra a agressão ianque e exigindo que as forças armadas dos Estados Unidos se retirem total e incondicionalmente do Sudeste Asiático.

\- - - - - - -

\- - - - -

\- - -

\-

MANOBRA DEMAGÓGICA

Finalmente, após onze meses da decretação do PROTERRA foi divulgada a sua regulamentação. O ato governamental delimita áreas prioritárias em 15o municípios dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Aí o governo comprará terras aos latifundiários com a finalidade de nelas instalar quinze mil famílias camponesas da região. Os grandes proprietários que colocarem parte de suas glebas, dentro de seis meses, à disposição da União e apresentarem planos de utilização das mesmas, receberão em dinheiro, e imediatamente, o pagamento total da parte alienada. Os que não apresentarem espontaneamente projeto de colonização terão desapropriada a área estabelecida, recebendo seu "justo valor" em títulos da dívida pública vencíveis em 15-20 anos, cabendo ao governo executar o projeto. Por seu turno, os futuros compradores deverão pagar o preço fixado pelo órgão governamental previsto no decreto, acrescido dos juros e da correção monetária. Terão ainda de cultivar produtos indicados pelo Ministério da Agricultura.

Tais medidas foram batizadas pela ditadura de "reforma agrária" e intensa é a campanha publicitária para fazer crer que se trata efetivamente de uma reforma. Na realidade, os objetivos em vista não são os proclamados pelas autoridades. Não custa perceber os verdadeiros motivos das decisões anunciadas.

O ministro da Agricultura confessou que o propósito de Garrastazu Médici era reduzir a "tensão social" no Nordeste. Nesta região, os conflitos sociais vêm se agravando nos últimos anos e têm como causa o problema da terra. Dos 109 conflitos rurais ocorridos em 1971, que envolveram 150.000 pessoas e ocasionaram 20 mortos, a grande maioria se verificou nos Estados nordestinos, sobretudo em Pernambuco e no Ceará. Estes dados referem-se, segundo a revista "Reforma Agrária", a notícias veiculadas por apenas três jornais do sul do país. A generalização das lutas no campo preocupa cada vez mais os governantes. E se tivermos em conta que, a partir de abril, começou a resistência armada dos guerrilheiros do Araguaia, numa vasta região onde se vinham multiplicando choques entre camponeses e grileiros pode-se compreender os reais motivos que indicaram as últimas providências contidas na regulamentação do PROTERRA.

Ao tentar, porém, amainar os conflitos no Nordeste, os militares defrontam-se com sérias dificuldades. Pretendem atingir com seu programa quinze mil famílias. No entanto, existem de quatro a cinco milhões de famílias camponesas desprovidas de terra ou com pouca terra, que reclamam solução para seus problemas. Diante da iniciativa governamental, elas se sentirão estimuladas a tomar em suas mãos a conquista do pedaço de chão que necessitam. Por sua vez, os beneficiados pelo decreto não têm condições para pagar o denominado "justo valor" da parcela que receberão. Os planos de colonização exigem que cada família, ocupando um lote determinado, satisfaça certos requisitos. A Usina Crauatá, de Pernambuco, por exemplo, que alienou 3.765 hectares, impõe que cada comprador de um lote de 160 hectares, possua um touro puro-sangue, 75 vacas mestiças e 4 bois para trabalhar no campo. Que lavrador pobre ou mesmo médio poderá arcar com despesas tão vultosas ? Ainda que consiga um empréstimo no Banco do Brasil, não será capaz de resgatá-lo, pois os terrenos desapropriados precisam de grandes inversões para se tornarem produtivos e rentáveis.

As dificuldades do governo também se verificam em alguns setores das classes dominantes. Estes temem que ao tocar num "assunto tão explosivo" como o da reforma agrária, sem consulta aos grandes proprietários rurais, os governantes involuntariamente estejam estimulando ações de maior envergadura dos camponeses. O senador Paulo Guerra, ex-governador de Pernambuco, chegou a fazer ameaças de recorrer às armas para defender seus privilégios A ditadura tratou imediatamente de tranquilizá-lo. Cirne Lima, ministro da Agricultura, veio a público para afirmar que aquele senador "mudará de opinião quando se inteirar das intenções do governo". E o presidente do INCRA afirmou que "somente o desconhecimento das vantagens trazidas ao proprietário rural pela adesão ao plano provoca retração". Embora a maior parte das entidades representativas dos grandes fazendeiros do Nordeste se tenha solidarizado com o decreto de regulamentação do PROTERRA, subsistem incertezas e resistência

É evidente, outrossim, que a regulamentação revela o fracasso da política governamental de transferir agricultores nordestinos para a Amazônia, com o fim de esvaziar as chamadas "áreas de tensão social". Os conflitos que se desenrolam no sul do Pará e em outras regiões vizinhas obrigam os militares a desistir, momentaneamente, dessa tentativa.

(Continua na página 6)

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS

Centenas de prisões ocorreram nos últimos meses. No Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Guanabara, São Paulo, Goiás e no sul do Pará muitos democratas e patriotas foram encarcerados. Alguns, depois de bastante seviciados, são postos em liberdade, mas continuam vigiados. A maioria, porém, permanece nas masmorras da ditadura.

Grande número dos presos é submetido às mais infames e bárbaras torturas nos departamentos policiais ou em unidades das Forças Armadas. Particularmente os detidos na região ribeirinha do Araguaia são tratados com requintes nazistas e constantemente ameaçados de morte.

Muitos universitários suportaram, semanas seguidas, selvagens maus tratos. Entre estes acha-se Oséias Duarte, estudante da Faculdade de Direito do Ceará, preso em São Paulo em princípios de maio. Encontra-se também o jovem Ronald Oliveira Rocha, conhecido dirigente estudantil, ex-presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Sociais da Guanabara. Depois de torturado no Rio foi transferido para S. Paulo onde prosseguem as violências policias. Sua vida corre perigo. Duas jovens de origem japonesa, de nomes Rioko e Nair, estão igualmente entre os estudantes presos e torturados. Rioko foi detida em abril na cidade de Marabá e passou, nas mãos de seus algozes, incríveis tormentos.

É necessário desenvolver a luta pela liberdade dos presos políticos, denunciar os maus tratos e as torturas, exigir o amplo direito de defesa e condições humanas nos cárceres, para os detentos. Por mais brutais que sejam os métodos repressivos da ditadura, os patriotas não se intimidam nem capitulam. Quanto maior é a violência dos militares, maior é o ódio do povo ao regime fascista e maior também a decisão de lutar para derrubá-lo.

Manobra demoagógica (Continuação da página 5)

O principal objetivo da ditadura, com a regulamentação do PROTERRA, é criar a ilusão de que foi iniciada a reforma agrária e enganar as massas pobres do campo com a falsa perspectiva de se tornarem proprietárias. É tembém um ensaio de formar núcleos de uma classe média rural. Não há dúvida de que os latifundiários serão os grandes favorecidos com o projeto de colonização da ditadura. Cedendo uma parte de suas propriedades, receberão consideráveis somas o que lhes permitirá incrementar seus negócios e intensificar a espoliação dos camponeses. Muitos senhores de terra, atualmente endividados, encontrarão nesse plano o meio de sanar suas dívidas, garantir o monopólio fundiário e realizar empreendimentos lucrativos. Quanto aos camponeses, resta-lhes apenas pagar, durante toda a vida, a gleba que comprarem.

Assim, torna-se necessário desmascarar a "reforma agrária" da ditadura, denunciar seu caráter demagógico e a negociata que ela representa em favor dos latifundiários. Ao mesmo tempo, é indispensável esclarecer, mobilizar e organizar as massas camponesas para a luta concreta por seus interesses vitais. Milhões de trabalhadores do campo precisam da terra e não podem comprá-la. Têm que recebê-la gratuitamente. Com ou sem a lei, devem ocupar as glebas que necessitam. E preparar-se para a resistência contra a repressão que sempre se abateu impiedosa sobre os lavradores para impedir que a terra em que trabalham venha um dia a pertencer-lhes.

A Propósito da Violência (Continuação da página 7)

Os que realmente desejam uma humanidade vivendo em paz devem apoiar a violência dos oprimidos em luta contra a opressão. Só por esse caminho será possivel chegar a um mundo do qual a violência estará definitivamente erradicada.

- - - - - -
-

A PROPÓSITO DA VIOLÊNCIA

O problema da violência é um tema em debate. Pretende-se ter descoberto que o mundo moderno sofre do mal da violência epidêmica como outrora o mundo medieval sofria da peste. Surgem interpretações psico-sociais da violência. Para uns, ela apenas revela o animal selvagem que continua existindo sob o verniz da civilização e seria inerente à natureza humana. Para outros, é o produto do desenvolvimento tecnológico que desumaniza o ser humano. As explicações são variadas. Mas há uma atitude em comum nos que abordam dessa maneira o tema da violência: todos a condenam, desde o Papa e Nixon até os revisionistas. A característica dessas manifestações é a condenação da violência em geral, abrangendo fenômenos diferenciados como o aumento da criminalidade nos Estados Unidos, o surgimento de ações neo-anarquistas na Itália ou na Alemanha ou a guerra do Vietname.

Na verdade, a violência não é uma "epidemia moderna"; é antiga e se avoluma em certos períodos críticos da história. Não é inerente à "natureza humana" porque não existe essa natureza humana abstrata, fora do tempo e do espaço, desvinculada das condições sociais. O desenvolvimento da ciência e o consequente progresso da tecnologia não são desumanos em si. Pelo contrário, é através deles que o homem assume maior controle da natureza e facilita sua vida na terra. Tudo depende dos objetivos para os quais são usados. Por fim, é absolutamente errado tratar da violência sem distinguir as razões do seu emprego e os motivos dos que a empregam. A condenação da violência em geral, por mais humanistas, doces e bem-intencionadas que sejam as palavras empregadas, transforma-se, na verdade, numa defesa encoberta de um determinado tipo de violência: a violência dos opressores. Os que pregam a mansidão para os oprimidos agem como cúmplices dos opressores.

Há tipos de violência em torno dos quais pareceria possível a unanimidade da condenação. Quem poderia ser a favor do aumento da criminalidade ? Mas mesmo nesse caso as diferenças logo surgem, quando se trata de localizar suas causas e propor os remédios. Nos E.U.A. a criminalidade assumiu proporções incríveis. Para certos porta-vozes da burguesia americana, os responsáveis por isto são os negros e os vadios que não querem trabalhar e a solução está na Lei e na Ordem, isto é: mais polícia. Mas afora os casos patológicos que são por sua própria natureza, excepcionais, é evidente que a criminalidade nos Estados Unidos tem causas sociais e está ligada à profunda crise da sociedade americana, além de ter raizes na própria história dessa sociedade. Os EEUU são o país das grandes diferenças sociais, da extrema discriminação racial, onde o dinheiro tudo justifica e tudo santifica, onde o único crime imperdoável é ser pobre. É o país gendarme do mundo, que levou a mais brutal violência aos quatro cantos da Terra, desde a República Dominicana até o Vietname, na repressão aos povos que lutam pela liberdade e contra a exploração. A única diferença entre a ITT e a Máfia é que a primeira é mais lucrativa. Que autoridade pode ter uma classe dirigente cuja "respeitabilidade" apenas esconde uma conduta de bandoleirismo em escala mundial, para condenar o assaltante de esquina ? Nestas condições, na medida em que as mentiras pomposas já nõa podem esconder a fealdade dos fatos, como estranhar que a criminalidade cresça nos Estados Unidos?

A existência da opressão e da exploração, mesmo quando disfarçadas pelo véu da democracia formal, é a causa principal do ressurgimento em muitos países da violência neo-anarquista. A única crítica honesta e coerente que se pode fazer a essas ações individuais e isoladas, realizadas à margem do processo político geral e desvinculadas das lutas de massas, é a sua ineficácia revolucionária, historicamente comprovada. Seus autores adotam uma concepção idealista da história e a sua impaciência os leva a descrer da ação de massas.

Mas há - e isto é o principal - a violência justificada, historicamente fecunda e absolutamente necessária dos povos e classes oprimidos. Não é possível traçar um sinal de igualdade entre a violência do imperialismo ianque para submeter o povo do Vietname e a violência empregada por esse mesmo povo para resistir ao imperialismo. A primeira é uma violência criminosa pelos objetivos que a movem e por isto deve ser - como vem sendo - veementemente denunciada e condenada. Já a guerra de resistência do povo do Vietname é uma nobre e gloriosa guerra, cujos fins, pela sua justiça, fazem surgir o heroismo como fenômeno de massas e despertam a solidariedade em todo o mundo. O mesmo se pode dizer da selvagem violência repressiva - empregada pela ditadura militar no Brasil, para manter uma ordem social iníqua e garantir ao imperialismo segurança na sua ação espoliadora - e da violência utilizada por aqueles setores do povo brasileiro que se dispõem a resistir à opressão e à exploração. A primeira é a violência dos assassinos; a segunda é a violência das vítimas que usam o sagrado direito da legítima defesa.

(Continua na página 6)

EPOPÉIA SERTANEJA

Três quartos de século são passados desde o término da luta de Canudos. Nos ermos sertões da Bahia, em 1897, rudes sertanejos enfrentaram numerosas expedições do Exército e lhes infligiram severas e vergonhosas derrotas. Combateram até o último homem em defesa do que acreditaram ser o seu direito. Durante dez meses sustentaram embates desiguais, escrevendo com sua bravura e desprezo pela morte uma página inesquecível da história das lutas do povo brasileiro.

A literatura reacionária, sobretudo a castrense, costuma apresentar os defensores de Canudos como bando de fanáticos e facínoras conduzidos por um louco. É um meio de esconder ou tentar justificar a violência brutal das classes dominantes sobre as massas populares. Em páginas magistrais, Euclides da Cunha mostrou que em Canudos lutou o povo simples do sertão, exaltou seus feitos e verberou com indignação o procedimento do Exército. Este atacou covardemente homens e mulheres pelo único fato de seguirem um pregador religioso, cujas crenças refletiam, de maneira deformada, as aspirações de justiça e liberdade dos pobres do campo.

O arraial de Canudos chegou, naquela época, a reunir 20 mil pessoas. Todos queriam viver em paz nos confins da Bahia, à espera do dia do Juízo Final, quando os ricos e os maus seriam castigados para sempre e as pessoas modestas obteriam a absolvição e gozariam de felicidade eterna. Mas o Exército considerou essa aglomeração humana um atentado à segurança do regime republicano recém-instaurado e à manutenção do sistema latifundiário de exploração. Tentou desbaratá-la pela força. Os sertanejos reagiram, não se submeteram às estúpidas imposições dos coronéis. Levantaram-se corajosamente e organizaram uma resistência que ficou na história e serve de exemplo a todos os oprimidos.

Quando foram atacados, os sertanejos ainda não sabiam combater. No primeiro recontro tiveram 150 mortos contra 10 dos agressores; no segundo, 115 contra 4; no terceiro, 300 contra 4. Mas revelaram, com presteza e rara inteligência, capacidade inventiva. Rapidamente dominaram a arte de fazer a guerra. Aprenderam a lutar, lutando. E o método que despontou foi precisamente o da guerrilha. Ninguém o ensinou, surgiu do caráter popular da luta. Tornaram-se mestres na tocaia. Escondiam-se habilmente do inimigo e não lhe davam sossego. Deixavam as tropas penetrar fundo no sertão, onde faltava tudo, e então as atacavam de surpresa. Combatiam a seu modo, quando lhes era vantajoso. Armaram-se com petrechos do Exército que, numa das refregas mais sérias, abandonou armas e bagagens, fugindo espavorido do campo da luta. Assim combateram, chegando, em certos momentos a causar apreensões e mesmo o pânico entre os altos poderes da República. Com número bem inferior em homens armados, destroçaram e causaram graves perdas às expedições militares do govêrno.

A resistência somente cessou ao tombarem os quatro últimos defensores do arraial sitiado. Os sertanejos apresentaram elevada capacidade combativa e manifestaram constante audácia na luta Desafiaram ousadamente a arrogância dos comandantes do Exército, tendo liquidado alguns deles. Não se renderam, nunguém se entregou. Os prisioneiros eram fuzilados sem dizer palavra. Nada informavam ao inimigo.

Canudos é uma ata de acusação ao regime reacionário do país e às suas Forças Armadas. Nos episódios do sertão baiano, o Exército patenteou suas características de banditismo e covardia. Sob o pretexto de manter a ordem, usou a força bruta contra as massas indefesas. Mostrou intolerância, aversão à liberdade e seu ódio permanente ao povo. Cometeu atrocidades monstruosas. Assassinou friamente mulheres e crianças, incendiou todas as casas do arraial. Não fez prisioneiros, matava os que lhe caíam nas mãos, inclusive os aleijados. Nenhum respeito pela pessoa humana, nenhuma tentativa de compreensão do fenômeno social, nenhum vislumbre de reconhecimento dos direitos do povo - deste modo agiu o Exército nessa infame campanha de Canudos.

Ao celebrar-se o 75º aniversário da epopéia sertaneja, novamente o povo se encontra em armas, no interior do país, enfrentando a violência banditesca das Forças Armadas. De novo recorre à guerrilha e escreve um capítulo heróico da luta contra a tirania. Mas agora os combatentes têm clareza de objetivos e, do seu lado, está a esmagadora maioria da nação. Os militares que impuseram no Brasil um regime fascista vêem-se cada vez mais isolados. Morderão o pó da derrota. O povo vencerá.

A "IMAGEM" DO CEARÁ

A ditadura e seus propagandista não têm poupado esforços para tentar pintar um quadro róseo da situação do Ceará. O coronel Cesar Cals, governador nomeado do Estado, tem gasto verba considerável em propaganda. A exemplo das autoridades federais, o coronel Cals também se convenceu de que o povo cearense pode se alimentar de suntuosas reportagens em revistas do Sul, tipo "Ceará - o país do sol sem sombra" e de programas especiais de promoção com o senhor Flávio Cavalcanti. A exemplo também do ditador Médici, o coronel Cals leva a efeito intensa promoção pessoal a custa do dinheiro público.

Quando da publicação dos dados da COCENE (comissão senatorial), o coronel Cals apressou-se em declarar que tais dados eram "um deserviço à causa do Nordeste", pois espantariam os "investidores do Sul". O importante, para o coronel Cals, é manter a "imagem". Porém, qual a verdadeira "imagem" do Ceará ?

Logo depois da publicação dos dados da COCENE e das declarações de alguns senadores cearenses da ARENA, o coronel Cals afirmara que a preocupação do seu governo, em relação à agricultura, era "onde armazenar a gigantesca safra" que o Ceará ia ter. Entretanto, mesmo as fontes oficiais confirmam que a safra deste ano deve ser inferior em 60% à de 1971. E todos sabem que, apesar do silêncio oficial, a safra de 1971 não se comparou, nem de longe à de 1969 , já que o ano de 1970 foi de seca total e não houve produção agrícola. Tal situação arruinou ainda mais aqueles agricultores médios que acreditaram na propaganda do "plante que o governo garante". Com uma safra normal, já lhes seria difícil saldar os compromissos bancários, pois a ANCAR faz exigências técnicas de tal ordem, que os custos de produção, em muitos casos, eram bem superiores aos preços mínimos fixados pelo governo. A quebra da safra, causada pela seca parcial, colocou em situação irremediável uma grande quantidade de lavradores.

Os problemas da agricultura cearense, no entanto, não se encontram só na irregularidade das safras. Todos os produtos agrícolas, sem exceção, como indica recente pesquisa da SUDEC (Superintendência do Desenvolvimento do Ceará), diminuiram seu rendimento por hectare. Apesar da barata mão-de-obra semi-feudal, a maioria dos produtos agrícolas do Estado tem dificuldade em concorrer com os das demais unidades da Federação. O algodão enfrenta o problema da irregularidade das fibras; a cera de carnaúba o da falta de pureza, dando ensejo a que os trustes que dominam o comércio mundial imponham os preços que bem entendem ; a cotação da oiticica anda tão baixa que quase não compensa colhê-la - a SANBRA pagou a CR$ 0,10 / 0,20 o kg na safra deste ano, apesar de o governo ter estabelecido o preço mínimo de CR$ 0,60 o kg.

Mas as dificuldades da agricultura do Ceará não param aí. A produção global de certos produtos alimentares tradicionais, como o feijão e a farinha de mandioca, caiu nestes últimos anos, o que obrigou as autoridades a importar feijão de outras regiões do país. Em certas áreas do Estado, as pragas causam imensos prejuízos à lavoura, sem que o governo tome medidas efetivas para erradicá-las. Os estudos para exterminar as formigas de roça, na Ibiapaba, até hoje não produziram nada de concreto pelo simples fato de que a grande massa de pequenos e médios proprietários e de rendeiros não possui recursos para o combate à praga. O mesmo ocorre com a lagarta que dizima os algodoais do sertão. Anualmente, a raiva bovina mata milhares de cabeças de gado.

A essa "imagem" da agropecuária do Ceará o coronel Cals quer contrapor a "imagem" dos grandes projetos de cajú, algodão, soja, amendoim e maracujá. Para isso, a maior parte dos recursos financiados pelos Banco do Brasil e Banco do Nordeste com empréstimos do Banco Mundial, foi para as mãos dos latifundiários e grupos monopolistas a eles associados,a fim de serem aplicados em grandes empreendimentos com vistas ao mercado externo. A esses grupos são fornecidas todas as facilidades, inclusive isenção de impostos, enquanto os agricultores médios e pequenos são obrigados a arcar com todas as cargas tributárias.

A atual situação de desemprego no Estado é de gravidade sem precedentes. Pesquisas da SUDEC mostram que as cidades do Ceará - a exemplo dos dados de Quixadá, Mombaça, Ipueiras, Tauá, Sobral e Lavras da Mangabeira - possuem uma população marginalizada superior a 50% da população total. Tal população marginalizada, constituída de camponeses arruinados que abandonaram ou foram forçados a abandonar o campo, vive desempregada ou em regime de subemprego, sustentando-se com biscates de toda ordem. Segundo as mesmas pesquisas, o rendimento mensal da maioria destas famílias não atinge CR$ 60,00 e uma grande parte consegue no máximo CR$ 20,00.

Numa cidade como Fortaleza, a 7ª do país em população, pesquisas da Secretaria de Pla-

(Continua na página 10)

A "Imagem" do Ceará (Continuação)

nejamento da Prefeitura demonstraram que, numa população economicamente ativa de 360 mil pessoas, há 100 mil desempregados totais e 80 mil que vivem de expedientes. Ou seja, metade da força de trabalho da cidade vive na miséria mais completa. A mesma fonte indica que a metade da população da didade - 450 mil pessoas - habita em condições precárias, sem água, esgoto ou eletricidade. Destas, 270 mil moram em casas de taipa ou galpões e 180 mil em mocambos. Corroborando tais dados, em declarações à revista Realidade, o Juiz de Menores de Fortaleza indicou existirem nesta cidade, em números otimistas, 300 mil menores de dezoito anos em abandono material, sendo que 80 mil em abandono total. Só numa das zonas de baixo meretrício, vivem mais de 3 mil crianças. Senadores do Sul, que estiveram em Fortaleza, durante a última visita do ditador Médici, declararam-se "impressionados com o quadro de miséria da cidade".

Os dados do censo sobre a distribuição da renda, são ainda mais significativos no que se refere ao Ceará. Mais de 80% da população ativa possui renda média mensal inferior a CR$ 150,00, enquanto pouco mais de 2 mil pessoas usufruem renda médias mensais superiores a CR$ 2.000,00. Apesar disso, o custo de vida continua a subir vertiginosamente. Enquanto em dezembro de 1964 - conforme levantamento permanente realizado pelo jornal "O Povp" - uma família média gastava em alimentação CR$ 92,78, em janeiro de 1972, para consumir a mesma quantidade de alimentos, tal família tinha que gastar CR$ 479,90. Isto significa que, das 900 mil famílias existentes no Estado, somente 60 mil, cujo rendimento é superior a CR$ 500,00 mensais, têm condições de se alimentar de modo relativamente regular. Isto, é claro, se não contarmos as despesas de habitação, ensino, condução, saúde, etc., o que fará com que a cifra dos privilegiados que podem comer se reduza ainda mais. Porque, na verdade, a situação de miséria e fome atinge mais de 90% da população do Ceará.

Os índices de mortalidade infantil, de tuberculose, doenças mentais, doença de Chagas, opilação e verminose aumentaram de tal modo nos últimos anos que o Secretário de Saúde do Estado declinou de revelá-los " para não alarmar a população ". Apesar do MOBRAL e de outras medidas demagógicas, o Censo revelou crescimento no analfabetismo: mais de 30% das crianças em idade escolar não têm sequer condições de frequentar a escola. As dificuldades de atendimento no INPS, apesar de todos os PIS, cresceram de tal modo que, para conseguir uma ficha de atendimento, é necessário ir de madrugada para as filas.

A situação da indústria e do comércio também não é nada lisonjeira. A ditadura só coloca em suas estatísticas as indústrias que estão sendo instaladas com os incentivos, mas se esquece daquelas cujas isenções caducaram e foram obrigadas a encerrar suas atividades ou operam com grande capacidade ociosa. D mesmo modo, são inúmeras as casas comerciais que faliram ou entraram em concordata. Já virou epidemia, tanto em Fortaleza como no interior, a febre de "mudança de ramo" e o crediário a longo prazo (até 40 meses), o que demonstra bem o estreitamento do mercado e a crise existente. Apesar do aumento da arrecadação tributária, a própria Fazenda estadual reconhece que aumentaram os débitos de contribuintes do ICM e os cartórios estão às voltas com o número crescente de títulos protestados.

Em traços gerais, é esta a "imagem" do Ceará que o coronel Cals e seus asseclas procuram esconder. Isto porque sabem que a culpa desta situação não cabe nem à condições geográficas nem ao laborioso povo do Estado. Essa "imagem" é resultado da política de sumissão da ditadura e de seus títeres ao imperialismo americano e aos latifundiários e grandes grupos monopolistas da burguesia brasileira, é resultado da corrupção desenfreada que grassa em todos os escalões governamentais e da exploração sem limites que impõem às massas trabalhadoras.

Para modificar tal"imagem" não basta " reformular toda uma estrutura ", como demagogicamente expressou o coronel Cals. É necessário destruir a atual estrutura em que se baseia a exploração do latifúndio e do imperialismo e, em seu lugar, erguer uma nova estrutura que possibilite condições de trabalho e bem-estar para todo o povo.

REPERCUTE A LUTA ARMADA

A resistência armada que se verifica no norte do Brasil repercute em profundidade e extensão. Tanto no interior do país como no exterior é grande o interesse pela posição política e pelas ações combativas das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL, que define o pensamento político daquelas Forças, vem alcançando grande difusão. Este importante documento tem sido reproduzido pelos meios mais diversos: mimeógrafos, impressoras, máquinas de escrever, etc.. Circula em diferentes formatos, inclusive com ilustrações, e aparece nos lugares mais longínquos do país. Sua ampla distribuição está sendo feita, em boa parte, por iniciativa pessoal ou de grupo. Os que a recebem tiram cópias e as enviam a outras pessoas. Organizações revolucionárias, de distintos matizes, tomaram em suas mãos a tarefa de reimprimí-la e divulgá-la. Também jornais clandestinos de setores estudantis e populares registram com entusiasmo a resistência armada e expressam seu apoio. Tudo isto demonstra que o povo brasileiro se identifica com o movimento guerrilheiro do Araguaia, considera como sua a luta que se trava no sul do Pará e está cada vez mais disposto a ajudá-la.

No exterior, continuam também refletindo os sucessos da luta popular no Brasil. Vários órgãos da imprensa destacaram os acontecimentos em curso na selva amazônica. "Última Hora" do Chile, a revista francesa "América", "Nuova Unitá" da Itália, jornais do Equador e até da Austrália e Nova Zelândia publicaram reportagens ou documentários a respeito dessa luta. A Rádio de Pequim, fazendo um apanhado dos mais recentes choques camponeses no nosso país, salientou o conflito armado que surgiu no Pará. Rádio Tirana, diariamente, dedica amplo espaço ao noticiário e a comentários dedicados à resistência armada do Araguaia. Com grande alegria, o V Congresso da Juventude do Trabalho da Albânia saudou o espírito de luta dos brasileiros manifestado na decisão dos guerrilheiros de levar adiante e até o fim o combate à ditadura militar fascista.

Em todas estas manifestações pode-se ver o grande significado do surgimento das Forças Guerrilheiras do Araguaia, as esperanças que elas suscitam e o apoio fraternal de outros povos à luta que se realiza em nosso país pela liberdade e a independência.

LIMA BARRETO : Um legado Revolucionário da nossa Cultura (Conclusão)

Mesmo doente, internado no hospital, ao tomar conhecimento do movimento grevista do Rio de Janeiro, quase igual ao de São Paulo, escreve uma crônica de solidariedade aos operários do jornal "ABD".

Mas, se na sua atividade na imprensa Lima Barreto se comportou deste modo, igual comportamento iremos verificar no escritor, no romancista.

Não cabe aqui, infelizmente, fazer uma análise de como o romancista ironiza os integrantes do Exército que, já naquele tempo, criavam os elementos para se transformarem na máquina de repressão que se julga todo-poderosa dos nossos dias. Ridiculariza os Jarbas Passarinho daquele tempo, como mostra o ridículo dos percursores dos Souza Mello.

Por tudo isto, por ser um autêntico escritor do povo, por ter sofrido com os oprimidos a opressão dos poderosos, Lima Barreto é desprezado pelos senhores das classes dominante e reverenciado por todos aqueles que desejam para o Brasil uma cultura autêntica e que seja um elemento da revolução e contribua para que o povo atualmente oprimido adquira conhecimentos que o ajudem no seu processo de emancipação.

Falecido em 1922 - ano em que foi fundado o Partido Comunista do Brasil - certamente seria um corajoso revolucionário, um combatente como os milhares que, hoje, em todas as partes do nosso território, lutam para libertar o nosso povo da ditadura militar - fascista que nos oprime.

ma que lhes for mais agradável e o menos possível, em ... (Continua na pág. ...

REPERCUTE A LUTA ARMADA

A resistência armada que se verifica no norte do Brasil repercute em profundidade e extensão. Tanto no interior do país como no exterior é grande o interesse pela posição política e pelas ações combativas das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

CARTA A UM DEPUTADO FEDERAL, que define o pensamento político daquelas Forças, vem alcançando grande difusão. Este importante documento tem sido reproduzido pelos meios mais diversos: mimeógrafos, impressoras, máquinas de escrever, etc.. Circula em diferentes formatos, inclusive com ilustrações, e aparece nos lugares mais longínquos do país. Sua ampla distribuição está sendo feita, em boa parte, por iniciativa pessoal ou de grupo. Os que a recebem tiram cópias e as enviam a outras pessoas. Organizações revolucionárias, de distintos matizes, tomaram em suas mãos a tarefa de reimprimí-la e divulgá-la. Também jornais clandestinos de setores estudantis e populares registram com entusiasmo a resistência armada e expressam seu apoio. Tudo isto demonstra que o povo brasileiro se identifica com o movimento guerrilheiro do Araguaia, considera como sua a luta que se trava no sul do Pará e está cada vez mais disposto a ajudá-la.

No exterior, continuam também refletindo os sucessos da luta popular no Brasil. Vários órgãos da imprensa destacaram os acontecimentos em curso na selva amazônica. "Última Hora" do Chile, a revista francesa "América", "Nuova Unitá" da Itália, jornais do Equador e até da Austrália e Nova Zelândia publicaram reportagens ou documentários a respeito dessa luta. A Rádio de Pequim, fazendo um apanhado dos mais recentes choques camponeses no nosso país, salientou o conflito armado que surgiu no Pará. Rádio Tirana, diariamente, dedica amplo espaço ao noticiário e a comentários dedicados à resistência armada do Araguaia. Com grande alegria, o V Congresso da Juventude do Trabalho da Albânia saudou o espírito de luta dos brasileiros manifestado na decisão dos guerrilheiros de levar adiante e até o fim o combate à ditadura militar fascista.

Em todas estas manifestações pode-se ver o grande significado do surgimento das Forças Guerrilheiras do Araguaia, as esperanças que elas suscitam e o apoio fraternal de outros povos à luta que se realiza em nosso país pela liberdade e a independência.

LIMA BARRETO : Um legado Revolucionário da nossa Cultura (Conclusão)

Mesmo doente, internado no hospital, ao tomar conhecimento do movimento grevista do Rio de Janeiro, quase igual ao de São Paulo, escreve uma crônica de solidariedade aos operários do jornal "ABD".

Mas, se na sua atividade na imprensa Lima Barreto se comportou deste modo, igual comportamento iremos verificar no escritor, no romancista.

Não cabe aqui, infelizmente, fazer uma análise de como o romancista ironiza os integrantes do Exército que, já naquele tempo, criavam os elementos para se transformarem na máquina de repressão que se julga todo-poderosa dos nossos dias. Ridiculariza os Jarbas Passarinho daquele tempo, como mostra o ridículo dos percursores dos Souza Mello.

Por tudo isto, por ser um autêntico escritor do povo, por ter sofrido com os oprimidos a opressão dos poderosos, Lima Barreto é desprezado pelos senhores das classes dominante e reverenciado por todos aqueles que desejam para o Brasil uma cultura autêntica e que seja um elemento da revolução e contribua para que o povo atualmente oprimido adquira conhecimentos que o ajudem no seu processo de emancipação.

Falecido em 1922 - ano em que foi fundado o Partido Comunista do Brasil - certamente seria um corajoso revolucionário, um combatente como os milhares que, hoje, em todas as partes do nosso território, lutam para libertar o nosso povo da ditadura militar - fascista que nos oprime.